

■ **Plínio Sampaio Jr.**

O primeiro ponto de uma agenda de debate seria acabar com a política que leva à recessão



O *Projetão* surge no contexto de dramático isolamento do governo Collor. Vê-se o deslocamento do poder para o Legislativo, como um mecanismo de defesa da sociedade contra uma política que ameaça o conjunto da população. O *Projetão* é uma manobra do governo para tentar recuperar a iniciativa no processo político. Mas tem o mérito de sair do conjunturalismo para atacar as causas estruturais da crise brasileira. Incorre, porém, no risco de esquecer o curto prazo, quando, na verdade, temos de fazer uma política articulada de curto e longo prazo.

O principal defeito do *Projetão* é não propor uma agenda de negociação para a saída da crise. Ele não organiza a discussão. É um bando de papel, que saiu da cabeça de tecnocratas que se fecharam numa sala e escreveram generalidades sobre a história do país. Não tem força política. E o risco de nossa sociedade não encontrar uma saída para a crise e entrar num processo de decadência é real. Já aconteceu em vários países e nada impede que não aconteça no Brasil. Tenho a impressão de que, enquanto não houver o mínimo de articulação política, as coisas não vão andar.

Qual seria a agenda política para avançar concretamente? Primeiro ponto, desmontar a política recessiva. Esse é um dado paradoxal desse governo. Ele tem uma política recessiva e um discurso de recuperação de crescimento. No momento, não é possível recuperar o crescimento. Mas se devem dar horizontes para as pessoas, para o país, restabelecendo fontes de dinamismo da economia brasileira. A recessão, com o tipo de

inflação que temos no Brasil, só exacerbava as incertezas e também exacerbava as pressões inflacionárias. Na verdade, é preciso desmontar esta política recessiva e, simultaneamente, avançar nas reformas estruturais. A questão da dívida externa, por exemplo. O governo fez uma proposta ousada de negociação mas, na verdade, não conseguiu ainda negociar a questão dos juros atrasados. Este é um item concreto de negociação que pode aglutinar setores da oposição.

O segundo ponto é a reforma tributária. O primeiro Plano Collor previa uma tributação sobre as grandes fortunas que não aconteceu. É preciso uma reforma tributária efetiva. O terceiro ponto é a política industrial. É importante, para as reformas econômicas, que se defina uma política industrial que tenha um programa de modernização das empresas. Mas é preciso uma proposta concreta, um programa de concentração de empresas, de estímulo à fusão e à associação.

O último ponto é a necessidade de avançar na questão da cidadania. O que estamos assistindo no Brasil no último mês é negócio do quinto mundo. Não se pode ter um país onde se mata sindicalista como se mata cachorro. Este é um item que aglutina as pessoas. Se a liderança política não se mobilizar, a base pressiona, questiona: "O que é isso, companheiro? Vai lá, porque senão eu vou morrer." Na minha opinião, ou se discutem questões concretas e estratégicas dentro de uma perspectiva ampla, ou não vamos avançar.